

# CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A HOMOAFETIVIDADE DA MULHER

Alexsandro Ferreira Caitano<sup>1</sup>

Thais Wachholz<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade está marcada como a era do conhecimento. O advento da tecnologia trouxe o acesso fácil e rápido à informação e, com isto, a possibilidade de diálogos entre os saberes ampliou a criticidade quanto à origem e validade do conteúdo informado. A verdade humana se coloca no discurso do saber científico. A forma de conhecimento adotada como satisfatória aos critérios é o dito científico. A curiosidade humana e a ação investigativa – que para a Psicanálise está associada a uma atividade pulsional e à curiosidade sexual reprimida, ainda na infância, no nível do inconsciente – se volta então novamente à sexualidade e suas formas de expressão no sujeito. Um tabu social, uma incógnita misteriosa que se busca desvendar, compreender e controlar, no discurso científico, desde a etiologia constitucional até as mais diversas variáveis que a compõe.

São diversos os pontos de vista traduzidos em concepções de diferentes autores e suas linhas teóricas. De um lado estão os biólogos com suas teorias baseadas na expressão genética e na psicopatologia do natural, do outro, os psicanalistas, psicólogos, sociólogos, filósofos, entre outros, defendem a concepção da sexualidade como uma escolha implicada em fenômenos psíquicos. Há ainda outra corrente - a religiosa, com teorias baseadas em dogmas instituídos sobre o preceito do desejo divino, que valorizam certa lógica, mas não o caráter de cientificidade que a ela não se aplica. Freud em seu tempo, assumiu a responsabilidade em discutir o (in)discutido até então por poucos, estruturando sua teoria – a psicanálise – nos fatores da sexualidade infantil que, por processos psíquicos diversos como a fixação, deixa marcas profundas e intensas no inconsciente que orientam a estrutura psíquica do sujeito até o fim da vida. Ao analisar o desenvolvimento humano pautado em uma perspectiva psicosexual, o

---

<sup>1</sup> UNESC, alexferreira.psico@hotmail.com

<sup>2</sup> Faculdades Esucri, thaispsicanalista@gmail.com

psicanalista está impingido a discutir a sexualidade, eleito a posição de sujeito suposto saber – aquele que tem as respostas, fio condutor da discussão sobre a temática, que a todos cabe discutir.

Com o afrouxamento dos limites da censura social e a propagação do discurso do ideal da livre expressão, diferentes formas de satisfação sexual vieram à tona para protagonizar um cenário (des) conhecido. Tudo se tornou novo, de novo. O movimento neurótico impresso no “disto não quero saber” se enfraquece diante do desejo e deixa de ser o bastante, para mantê-lo no território do inconsciente, daqueles agora adultos, as questões da sexualidade. E como não querer saber sobre o ressurgido, sobre algo que se mostra imperativo a consciência com status de mistério?

Este artigo intenta promover a discussão em uma perspectiva psicanalista da construção da identidade sexual, a partir dos achados em uma revisão de literatura. Inicialmente o percurso do desenvolvimento é apresentado seguido pelo conceito do complexo de Édipo e as implicações de ambos na constituição da identidade sexual. A seguir, é apresentado o entendimento da homoafetividade segundo a Psicanálise, o masculino e o feminino como possibilidades de uma sexualidade parte expressa, parte recalcada ao inconsciente, mas que se personifica em todo sujeito de diferentes formas.

## **O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL**

O desenvolvimento infantil se dá no percurso dos registros de prazer e desprazer, numa sexualidade que Freud (1996d) distribui em fases, em uma pré-disposição de base orgânica com um aparato sensorial impelido no sujeito desde a ocasião de seu nascimento. Tais registros se tornam imperativos para todo o desenvolvimento humano posterior a infância, uma vez que permanecem no inconsciente, latentes, após um período de repressão, por consequência do registro da moralidade na criança inscrito na cultura onde a mesma está inserida. Há um esquecimento progressivo das experiências que o autor chamou de amnésia infantil.

Toda experiência sexual é vivida no desfecho das pulsões ou impulsos, nomenclatura que diferencia o homem do animal por sua particularidade e que podem ser sexuais/eróticos ou agressivos/destrutivos, conceito que se apresenta a seguir:

Um impulso, pois é, um constituinte psíquico, geneticamente determinado, que, quando em ação, produz um estado de excitação psíquica ou, como dizemos frequentemente, de tensão. Essa excitação ou tensão impele o indivíduo para a atividade, que é também geneticamente determinada de um modo geral, mas que pode ser consideravelmente alterada pela experiência individual. Essa atividade deve levar a algo que podemos chamar ora de cessação da excitação ou tensão, ou de gratificação. A primeira seria a terminologia mais objetiva, a segunda a mais subjetiva. Assim, vemos que há uma sequência que é uma característica da ação do impulso. Podemos chamar essa sequência ou de tensão, atividade motora e cessação da tensão, ou de necessidade, atividade motora e gratificação, se assim preferirmos. (BRENNER, 1987 p. 33).

A pulsão tem origem inata e está relacionada a uma energia psíquica que impele o sujeito para a atividade em uma relação mais complexa, do que aquela impressa no estímulo-resposta, por envolver a dimensão anímica (subjetiva) diferentemente dos animais, o que nas palavras de Freud (1996d, p. 159) se traduz:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada a medida de exigência de trabalho feita a vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é a sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos.

A libido tem relação com a pulsão na medida em que representa determinada quantidade de energia em movimento, que se direciona para um alvo, convertendo-se em “libido do objeto”, ganhando atributo qualitativo para depois ficar em suspenso e retornar ao ego, convertida em “libido narcísica”, (FREUD, 1996d, p. 206). Na concepção de Roudinesco (1998, p. 471), Freud utiliza o termo para “designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular.”

A sexualidade infantil é predominantemente autoerótica e as pulsões são desvinculadas até o momento em que se submetem a função da reprodução quando predomina com exclusividade a zona genital como erógena principal. As fases anteriores a esse momento são chamadas de “pré-genitais”, sendo elas a oral e anal. Nas diferentes fases a libido que catexiza os objetos principais de cada uma delas, abandona o anterior aos poucos para transferir-se ao próximo, sem, no entanto abandonar completamente nenhum deles deixando rastros que serão importantes ao longo de toda a vida do sujeito, como se discute a seguir (FREUD, 1996d, p. 186).

A fase inicial do desenvolvimento é a oral. É preciso pensar na oralidade como forma primeira de manifestação pulsional, na qual o prazer sexual está associado à nutrição e os órgãos que assumem a função são a língua, a boca e os lábios. Ocorre no primeiro ano e meio de vida da criança. O alvo neste momento é a “incorporação do objeto” sua contribuição residual é de suma importância, na forma de “identificação” posterior, embora ainda não haja separação interior em opostos. Dela resta também o “chuchar”, atividade sexual em que o indivíduo se desliga de um objeto alheio, para encontrar prazer em si mesmo. (FREUD, 1996d, p. 187).

A fase seguinte é a anal ou sádica. Esta segue até aproximadamente o terceiro ano de vida da criança e o ânus assume aqui a função de órgão sexual. Suas fezes são de grande interesse, uma vez que sente prazer em retê-las e expeli-las. A primeira divisão em opostos psíquicos acontece neste período, não ainda a de masculino e feminino, mas sim, onde o controle da musculatura desempenha o papel de atividade e a mucosa do seu intestino o de passividade. O principal legado desta fase consiste no que Freud chamou de ambivalência, na qual as pulsões têm seus pares de opostos desenvolvidos em proximidade de intensidade e força. (BRENNER, 1987; FREUD, 1996d).

A terceira fase é a fálica e constitui o primeiro dos dois tempos nos quais Freud (1996a) afirmou ser feita a escolha objetual que começa após o segundo ano de vida do indivíduo, sofre retrocesso ou retenção no período de latência e é retomada na puberdade, para determinar definitivamente a configuração da vida sexual. Aqui as pulsões parciais se subordinam a primazia da zona erógena principal, o órgão genital reprodutor. Recebe o nome de fálica porque o pênis é objeto comum de interesse das crianças de ambos os sexos, que acreditam possuí-lo, até que constatem o contrário, sendo que na menina o clitóris desempenha este papel por acreditar-se que corresponde embriologicamente ao pênis (BRENNER, 1987).

Segue o período nomeado como de latência que se estende após a fase fálica até a puberdade, a inscrição da cultura surge como repressora, como impeditiva às manifestações espontâneas em busca do prazer sexual. O indivíduo passa a sublimar, ou seja, direcionar para outros fins que não o sexual, a energia de suas pulsões que jamais cessa nem mesmo neste período. Para Freud (1996d), os registros da sexualidade anterior contrapõem-se aos ideais da cultura e da função reprodutora, sendo entendidos nesta perspectiva como perversos. No entanto como

a libido jamais descatexiza totalmente os objetos principais destas fases, essas impressões podem ser vividas como desprazerosas ao sujeito e surgem então as formações reativas em forma de asco, vergonha e moral. Ainda neste período, o desejo sentido pelos genitores ou pessoas que ocupam estes papéis torna-se inadmissível a consciência pela apreensão da moralidade e converte-se em um afeto possível, a ternura.

Por fim, no curso do seu desenvolvimento o sujeito alcança a fase genital ou adulta, a última das fases. A fase fálica retorna aqui para influenciar a organização sexual da fase adulta.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual. [...] Agora, porém surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. [...] A normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e a meta sexual: a de ternura e a sensual. (FREUD, 1996d, p. 196).

É neste período da vida que Freud acredita, então, se confirmar a escolha do objeto, e com isto a forma de sexualidade que o indivíduo levará para toda a sua vida, baseada nas experiências sexuais primeiras vividas até os seis anos de idade. Difere-se a partir daqui, o desenvolvimento sexual da mulher em relação ao do homem que pode ser mais facilmente compreendido. A mulher assume os status de incógnita, tendo seu desenvolvimento como enigmático para Freud que se ocupa desta questão mais ao fim de sua obra, deixando ainda respostas incompletas e muitos questionamentos como legados aos seus sucessores psicanalistas.

## **A EXPERIÊNCIA EDÍPICA**

Ao mencionar a escolha objetal infantil que ocorre na fase fálica, é preciso considerar como este processo se dá na dimensão psíquica. Há uma experiência, postulada por Freud, que é universal e tem fundamental importância no curso do desenvolvimento dos indivíduos, como um divisor de águas, o Complexo de Édipo. O que seria então este complexo? Para Násio (2007, p. 12):

[...] O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrollável, tem de aprender a limitar seu impulso e reajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de

sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. Eis então o essencial da crise edípica: aprender a canalizar um desejo transbordante. [...] O Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, é a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente. [...] a experiência vivida do terremoto edípico fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos.

Visto a importância do complexo edípico, nos cabe considerar os desfechos edípicos especificamente da mulher. No início do período edípico, como já mencionado, o clitóris desempenha a função de pênis, mas logo a menina tem acesso à visão do órgão sexual masculino e sente-se inferior por não possuí-lo em tais proporções. Há a esperança de com tempo desenvolver-se para ter pênis igual ao do menino, inveja-o, mas conforme o tempo passa suas esperanças são arrematadas e substituídas pelo sentimento de inferioridade e pela mágoa da mãe, por não tê-la dotado de um poderoso pênis quando a gerou em seu ventre. Como forma de compensação, a menina volta-se para o amor do pai, deixa de investir no falo-pênis e passa à investitura do falo-bebê, filho seu com o amado pai. Para conquistar o pai, toma a mãe que já é amada por ele como modelo, identificando-se e introjetando suas características. Não há na menina o complexo de castração, o medo de perder o pênis que não tem, o que há depois da conformação por este fato constatado é o medo de perder o amor. (FREUD, 1996a; NASIO, 2007).

A experiência edípica tem fim com o registro da lei paterna, o interdito dos pais que introjetado no ego forma o núcleo do superego atuando como proibidor do incesto. A partir deste momento tem início o período de latência com dessexualização dos pais e a sublimação da libido em afeto, afeição para atender aos novos ideais da moralidade cultural.

## **A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL**

Para Garcia (2001), é imperativo na teoria psicanalítica o movimento do sujeito em busca de prazer, trilhando um percurso erótico ao longo da infância e adolescência que deixa registros intensos de prazer e desprazer no seu inconsciente. Suas escolhas, quem será e como será, sua identidade é um mosaico de recortes coloridos pelas impressões que o sujeito tem sobre as suas experiências

cotidianas, nas suas relações com o outro e principalmente com as figuras de pai e mãe, ou cuidadores que ocupam tais posições durante a sua infância. A bissexualidade é uma condição universal que garante aos acontecimentos históricos da vida do indivíduo a importância de constitui-lo na sua escolha objetal,

A bissexualidade seria, nesse caso, a disposição originária a partir da qual cada pessoa se defrontaria, potencialmente, com os recursos que lhe permitiriam trilhar o caminho para a definição de sua identificação sexual. Tratar-se-ia, portanto, de uma hipótese freudiana para explicar a possibilidade que todo ser humano teria de construir uma identificação feminina ou masculina, independente de sua condição genotípica. [...]

O ser humano nasceria com o que poderíamos chamar de prontidão para a sexualidade, mas o objeto desta não estaria dado a priori, antes, teria de ser encontrado a partir de uma história pessoal marcada por vicissitudes muito especiais e particulares. (GARCIA, 2001, p. 39).

O autor mantém sua argumentação no sentido de que, ambas as inscrições, masculino e feminino, a hétero e homossexualidade, são vertentes das quais todos têm que lidar no curso da vida. A identidade é uma construção psíquica e não uma determinação biológica. É uma escolha arquitetada que expõe o sujeito às intempéries do ideal do contexto cultural, podendo o homossexual enfrentar rejeição como em épocas passadas, sob a ótica do pecado, doença, falta de caráter, moral, entre outros.

## **MASCULINO E FEMININO COMO POSSIBILIDADES A TODOS**

Na teoria freudiana, masculino e feminino são opostos sob os quais se estrutura psicicamente o sujeito. Os precedem no curso do desenvolvimento, o amor e o ódio, o ativo e o passivo. A criança independentemente do sexo anatômico, até o período da descoberta das diferenças sexuais, desenvolve-se da mesma forma. Ama a mãe e acredita possuir o falo-pênis, como dito anteriormente, fato que levou Freud (1996a) a compreender a libido como masculina. Mesmo com as diferenças de percurso a partir deste ponto, as inscrições do masculino e feminino são comuns a todos que ora identificam-se com a mãe, ora com o pai, introjetando ambos os papéis em seu mundo psíquico, para na vivência da puberdade consolidar sua escolha pré-feita na fase fálica, assumindo a um e recalçando o outro.

Násio (2007, p. 126) aponta didaticamente em um quadro aspectos pertinentes a posição masculino fazendo o paralelo com a posição feminina. A

posição masculina herda do Édipo o desejo de possuir, de fazer o outro gozar, de orgulhar-se do seu sexo e preferir a força à beleza. Prefere amar ao ser amado, distingue amor e sexo conseguindo ligar-se sexualmente a outro sujeito sem renunciar ao amor de outro, quer penetrar e proteger. Socialmente gosta de exibir sua potência, mostrar-se viril, o que psiquicamente é simbolizado na figura do falo-pênis, o apêndice destacável que centraliza o complexo de castração e preserva no inconsciente o medo fantasístico de ser castrado, perder a potência e ser humilhado. A posição feminina, por sua vez, quer ser protegida, ser amada, receber o sexo do outro, amor e sexo são indissociáveis. Prefere ser amada por quem a ama. Quer ser única, sentir-se bela e indispensável, ser amada e não ser abandonada. Socialmente prefere deixar de lado a potência para se ocupar do ressentimento íntimo tornando-se fonte de ameaça temível para a posição masculina.

A mulher identificada ao feminino particularmente busca incessantemente o falo-amor e proteger o falo-filho. Sabe do que o homem se esquece, o fato de que nenhuma aquisição é permanente. Tem erogenamente maior diversidade em relação ao homem masculino que polariza o pênis. O inconsciente é a morada dos aspectos psíquicos da posição recalcada e ainda de alguns da posição assumida sendo que ambos os polos influenciarão a ação do sujeito no mundo externo.

Ao escrever sobre sua análise de um caso de homossexualismo em uma mulher, Freud (1996b) discute a questão de a paciente ter se apropriado do papel masculino em seu comportamento em relação ao seu objeto amoroso, ou seja, renunciou à satisfação narcisista, supervalorizou o objeto amado e preferiu ser amante e não ser amada. Sua identidade formou-se não apenas na escolha invertida do objeto, mas também no desenvolvimento de uma atitude masculina, que pode ser identificada no processo analítico de explorar e conhecer a estrutura psíquica do sujeito.

## **HOMOAFETIVIDADE E PSICANÁLISE**

Para entender a escolha objetual invertida, é necessário primeiro saber que para Freud, o objeto sexual é aquele que desperta atração no sujeito enquanto o alvo sexual é a ação de busca da satisfação investida pela pulsão. As primeiras tentativas de explicar a inversão embasaram-se no caráter inato e em contraponto o caráter adquirido. Nem uma, nem outra puderam explicar sua natureza para Freud.

O sujeito está predisposto à obtenção do prazer sexual pela manifestação bissexual da libido, “em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos” (FREUD, 1996b, p. 161). Para Garcia (2001), não há uma heterossexualidade normal e natural e uma homossexualidade doente e desviante, mas ambas as resultantes são construções psíquicas produzidas em cada sujeito como decorrência da história de suas experiências objetais.

A escolha objetal hétero ou homossexual dá-se no percurso do desenvolvimento psíquico do indivíduo, pois “como sabemos, uma decisão no sentido da homossexualidade somente se concretiza na puberdade.” (FREUD, 1996c, p. 127). A norma que baliza a determinação da sexualidade do sujeito como normal ou invertida é referida por Freud (1996d, p. 128) que utiliza o termo “suposta”. Em seus argumentos levou em consideração a função sexual reprodutora e ainda as premissas culturais da época, contra as quais lutou inclusive, para difundir sua teoria tão avessa a tais padrões. Ao discutir a homossexualidade, na mesma obra, o autor esclarece a intenção da psicanálise em fazê-lo sem corroborar com a perspectiva discriminadora e estigmatizadora do sujeito,

A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza a tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta, ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. As vinculações por sentimentos libidinosos com pessoas do mesmo sexo desempenham, inclusive, um papel nada insignificante como fatores da vida anímica normal [...]. (FREUD, 1996d, p. 137-138).

Em concordância a este ponto de vista na compreensão do ideal freudiano, escreve Garcia (2001, p.14):

Um aspecto fundamental referente a essa nova forma de abordar a questão da homossexualidade, promovido a partir da compreensão trazida pela psicanálise, teve como consequência a retirada da homossexualidade de sua imobilidade nosográfica do campo das patologias consideradas como perversão. Isso se deu à medida que o trabalho de Freud definiu a homossexualidade como um modo de subjetivação, na maior parte das vezes tão elaborado e estável quanto modelo heterossexual de escolha do objeto.

Segundo esse raciocínio, o comportamento homossexual poderia estar presente em qualquer forma de organização psíquica - perversa, neurótica ou psicótica – sendo marcado pelas características específicas da organização em questão.

A homoafetividade, ou homossexualidade, para a Psicanálise é uma construção que se tornou possibilidade no decorrer da história da humanidade, na qual o sujeito, em seu percurso único-individual, elege como objeto alguém do mesmo sexo para direcionar sua libido e obter satisfação sexual. Neste percurso constrói sua identidade identificando-se com diferentes aspectos das representações de masculino e/ou feminino no contexto cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As novas configurações familiares, as discussões sobre a legalidade penal da união homoafetiva no Brasil e o crescente número de sujeitos assumindo sua condição sexual, implicam em olhares distintos sobre algo para sempre questionado: a sexualidade humana. Núcleos universitários de pesquisa se estruturam para responder a tais questões e satisfazer sempre em parcial o desejo de saber, reafirmando o sujeito na inscrição da falta, da castração em relação à satisfação do saber absoluto. Sendo assim, os estudos sobre a sexualidade e a identidade de gênero, são fundamentais, considerando que subsidiam ações em políticas públicas de Assistência Social e Saúde, entre outras ações que tragam qualidade de vida a estes indivíduos.

A sexualidade é um assunto amplamente explorado pelo psicólogo em suas práticas cotidianas. Seu ponto de vista, seu modo de compreendê-la é de interesse daqueles que não dispõem de conhecimento sobre a questão que deem resultados positivos, como no âmbito escolar por exemplo. Saber sobre a sexualidade humana autoriza o psicólogo a práxis. Esta, configurada em muitos espaços de atuação e nas mais variadas subjetividades. É necessário saber o que causa dissabor. Pois, manter velada a condição desta geração (que transborda desejos e que não mais se cala ao “assim não pode ser”) que divide seu cotidiano com o moralismo pragmático e o liberalismo desenfreado, é reforçar a censura incestuosa dos primeiros tempos edipianos.

A liberdade de expressão se fez possível num movimento cultural pós-ditadura no Brasil, incrementada com a globalização e cada vez mais apimentada pelas tecnologias de mídia e pela esfera do direito, que vem incluindo nas leis a garantia do respeito pela individualidade do ser. Talvez uma nova era, para quem dera... Sendo o sujeito do inconsciente coberto pelo véu da repressão e resistência

como um universo singular dentro de si, inexplorável na totalidade por sua própria consciência, assume-se a impossibilidade de conhecer no todo, a completude das variáveis que determinam a escolha do objeto homoafetivo pelas mulheres.

Compreendendo a estrutura psíquica do sujeito como resultado de um percurso edípico, de desenvolvimento psicosssexual, no qual as experiências e impressões são únicas e singulares, tal qual se torna este em sua construção, entende-se como um contrassenso sistematizar variáveis comuns a todos que leve o sujeito do estudo a sucumbir na escolha da homossexualidade, como uma via de regra única que leva todas ao mesmo destino.

## REFERÊNCIAS

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: O ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 195-201. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19)

\_\_\_\_\_. **A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**. In: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 147-175. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19)

\_\_\_\_\_. **Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância**. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 67-142. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)

\_\_\_\_\_. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 119-231. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)

GARCIA, José Carlos. **Problemáticas da identidade sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (Coleção clínica psicanalítica)

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.